



POESIA E RESISTÊNCIA NO CONTAÊEE

A escritora e poeta Rosani Abou Adal contou em live como consegue manter um jornal literário circulando há 31 anos.

Milton Correia Junior

Há mais de três décadas que a jornalista, publicitária, escritora e poeta **Rosani Abou Adal** luta para divulgar a literatura brasileira e democratizar a leitura. Ela acredita que são duas armas poderosas para que se possa construir um país mais digno e melhor para se viver.

Defensora também da ecologia e do meio-ambiente, Rosani Abou Adal foi a convidada que participou do mais recente **Contaêee**, uma realização da **Galática Educação e Cultura**. O tema foi **A Poesia e o Jornalismo Literário**.

O evento foi ao ar no último dia 7 de abril, no formato de uma live, que contou com a participação de convidados e do público em geral. A fundadora e diretora-presidente da Galática, **Sonia Avalonne**, foi quem apresentou a convidada e conduziu a entrevista.

Rosani Abou Adal é descendente de sírios, e o seu sobrenome significa, literalmente, “filha da fortaleza”. Nada mais apropriado para definir essa guerreira que batalha arduamente para preservar e difundir a literatura, dando vez aos novos escritores e poetas.

Com certeza ela já pode entrar para o livro *Guinness* de recordes, pois conseguiu a façanha de manter um jornal mensal literário, durante 31 anos, com circulação ininterrupta. Trata-se do **Linguagem Viva**, fundado em 1989 em parceria com Adriano Nogueira (1928 – 2004), tendo como objetivo divulgar a Literatura e o escritor brasileiro com pouco acesso na mídia.

O jornal tem coluna de livros e notícias e abriga poemas, contos, crônicas, resenhas e colaborações do mais conceituados críticos e escritores brasileiros. Como poeta e editora do jornal, pretende trocar experiências com o público leitor.

Atualmente, é apresentado em formato tablóide com 8 páginas em preto e branco, encartado no jornal **A Tribuna Piracicabana** e distribuído a escritores, entidades, academias, professores, livrarias, editores, assinantes e colaboradores.

Também é disponibilizado nas versões impressa e online (www.linguagemviva.com.br). O jornal *Linguagem Viva*, além de ser um instrumento de resistência da Literatura no país, mantém viva a poesia, dando oportunidade democrática a todos, inclusive aos iniciantes que tenham qualidade literária.

Luta árdua

Rosani contou que foram muitos os sacrifícios para que o *Linguagem Viva* não sofresse descontinuidade e parasse de circular. Após a morte de Adriano Nogueira, ela teve de tomar, sozinha, a responsabilidade de editar o jornal e se negou a **diminuir** a sua periodicidade para bimestral.

Isso lhe custou grande empenho e dedicação a ponto de, recém-operada, fazer toda uma edição de joelhos para garantir o envio à gráfica. O *Linguagem Viva* sobrevive há trinta e um anos sem apoio de órgãos governamentais e da iniciativa privada, com poucos recursos, valendo-se da ajuda de amigos. Por isso, também não foram poucas as vezes em que Rosani colocou dinheiro do próprio bolso para garantir a circulação do mês.

Além de editar o *Linguagem Viva*, Rosani promove concursos de poesias, acompanha professores, é membro de sindicatos, uniões e associações de escritores, além de participar de eventos literários, especialmente no estado de São Paulo. “O importante é ser democrático e até deixo de publicar uma coisa minha para publicar de alguém, para ser democrática comigo mesma”, garantiu.

Sonia Avallone lembrou que, durante a pandemia, aumentou a

procura por livros como fonte de lazer e entretenimento.

“A literatura nos desperta e leva para outros mundos. Neste momento difícil para o país, a poesia salva, purifica e ilumina. Os poetas estão publicando bastante pelo facebook e assim as pessoas podem se alegrar com essas mensagens poéticas”, acredita Rosani.

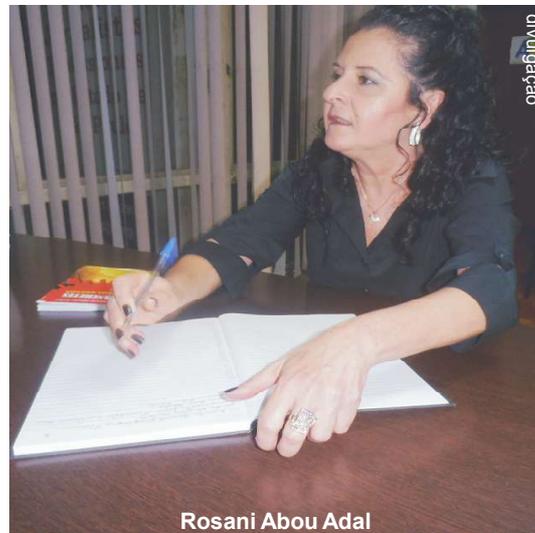
Poeta premiada

Rosani Abou Adal tem diversos livros de poesia publicados. Seus poemas foram traduzidos para o inglês, espanhol, francês, húngaro, grego e italiano. É autora dos livros de poemas *Mensagens do Momento* (1989), *De Corpo e Verde* (1992) e *Catedral do Silêncio* (1996). Participou de antologias no Brasil, França, Portugal, Itália e EUA.

Manchetes em Versos é o seu mais recente lançamento. A obra reúne poematos, de duas a cinco linhas, tão sintéticos como as manchetes dos jornais e revistas, que enfatizam a devastação do homem, animais e do Planeta, a solidão, a fome, o amor, o desamor, o social, político, econômico, a vida, esperança, o sexo e as carências dos seres, o abandono de idosos, crianças e homens e a ecologia, entre outros temas atuais.

No final da sua participação no Contaêee, Rosani Abou Adal leu alguns dos versos que estão publicados em seus livros, a exemplo da poesia *Contemplação*, do *Catedral do Silêncio*.

ROSANI ABOU ADAL - escritora, poeta, publicitária e jornalista,



Rosani Abou Adal

nasceu em 17 de janeiro de 1960 na Capital paulista. Editora do jornal literário *Linguagem Viva* com Adriano Nogueira até a data do seu falecimento, em junho de 2004. Desde julho de 2004 edita sozinha.

É vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Exerceu o cargo de diretora da Associação Brasileira de Imprensa - seccional de São Paulo, Academia Piracicabana de Letras e Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa. Foi conselheira da Associação Brasileira de Imprensa.

Foi laureada com o prêmio Mulheres no Mercado - categoria Literatura - promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo e Casa de Cultura de Santo Amaro, 2004.

A Entrevista está disponível no canal do YouTube da Galática Educação e Cultura em <https://www.youtube.com/watch?v=ljuc8k1I4D0>.

Milton Correia Junior é redator, jornalista e publicitário.
miltonjor120@gmail.com



NÃO À TAXAÇÃO DO LIVRO

A Câmara Brasileira do Livro, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros e a Associação Brasileira de Editores e Produtores de Conteúdo e Tecnologia Educacional lançaram, com o apoio de entidades ligadas ao mercado editorial, um manifesto em defesa e manutenção da imunidade tributária do livro em vigência no Brasil desde 1946.

A referida taxação, imposta através de proposta da reforma tributária, do ministro da Economia Paulo Guedes que foi encaminhada ao Congresso, afetará o setor do livro com uma taxação de 12% devido a substituição do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (COFINS) pela Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviço - CBS.

Conforme o Art. 150 da Constituição Federal, na seção II, *Das Limitações do Poder de Tributar*, "Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: VI - instituir impostos sobre: (Vide Emenda Constitucional nº 3, de 1993), d) livros, jornais, periódicos e papel destinado a sua impressão."

Segundo a Lei 10.865, de 30 de abril de 2004, Art. 28. Ficam reduzidas a 0 (zero) as alíquotas da contribuição para o PIS/PASEP e da COFINS incidentes sobre a receita bruta decorrente da venda, no mercado interno, de: l - papel destinado à impressão de jornais, pelo prazo de 4 (quatro) anos a contar da data de vigência desta Lei ou até que a produção nacional atenda 80% (oitenta por cento) do consumo interno, na forma a ser estabelecida em regulamento do Poder Executivo. A Lei em questão foi assinada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e publicada no *Diário Oficial da União* de 30 de abril de 2004 - Edição extra.

Em repúdio à referida taxação, está disponível o abaixo-assinado em defesa do livro para que o mesmo permaneça isento de impostos, em <https://www.change.org/p/defenda-o-livro-diga-n%C3%A3o-%C3%A0-tributa%C3%A7%C3%A3o-de-livros>.

Fernanda Melchiona, deputada do PSOL/RS e presidente da Frente Parlamentar Mista em Defesa do Livro na Câmara dos Deputados, reuniu assinaturas necessárias para tramitar uma emenda ao Projeto de Lei 3887/20 que institui a CBS e altera a legislação tributária federal. A proposta da deputada é a proibição da incidência do referido tributo sobre o livro.

Todos, sem distinção de raça, sexo e classe social, têm direitos aos livros. Que a democratização da leitura seja "realmente" democrática. Que a leitura seja acessível a todos os brasileiros.

Vamos dizer NÃO à tributação de livros.

LINGUAGEM VIVA |

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0
- agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para
linguagemviva@linguagemviva.com.br
Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

RINOCERONTE

Raquel Naveira

O rinoceronte é corpulento, cabeça grande, tórax largo. As patas grossas parecem troncos de árvores. A pele enrugada em pregas forma placas, carapaças ósseas. A cauda, com cerdas fortes, limpa as fendas cheias de insetos. O corno de fibras poderia furar o abdômen do adversário. Banha-se na lama e depois, manso, pasta o solo. Abre trilhas no mato. Macho, solitário, territorial.

Nas aulas de francês, liamos juntos a peça *O Rinoceronte*, do romeno Eugène Ionesco (1909-1994), o fundador do chamado Teatro do Absurdo. Era um texto desesperado, burlesco, saído de um espírito anárquico, um clássico. Conta a abde uma cidade pacata que se transforma radicalmente, após a passagem de um rinoceronte por suas ruas. O rinoceronte causa pavor, estranhamento, medo. Depois dele, surgiram outros rinocerontes. As pessoas que conversavam num café tentam entender o inadmissível. Deveriam chamar as autoridades? Seria um sonho? Um delírio? Os rinocerontes seriam unicórnios? Teriam vindo da África? Da Ásia? As criaturas paquidérmicas proliferam por todos os lados. As personagens vão se transformando uma a uma em rinocerontes. Apenas um casal resiste à tentação, uma espécie de Adão e Eva que dariam continuidade à espécie. Alguém balbucia: "Não me habito com a vida" e uma voz finaliza: "Eu me defenderei contra todo o mundo... Eu sou o último homem. Não me rendo."

A peça é uma alegoria. Simboliza o conformismo que gera fantoches manipulados. A banalização do mal diante da apatia, da inércia, da cumplicidade. A adesão à barbárie. A convivência com regimes totalitários, sejam de direita ou de esquerda, que esmagam, que geram um sistema onde não há lugar para a oposição, para o debate, para a liberdade de pensamento.

O rinoceronte poderia ser também uma força estranha, uma epidemia, um vírus submetendo a humanidade impotente a uma sentença de morte. A certeza melancólica de que, mesmo aqueles que foram poupados, irão morrer brevemente de outra forma de morte.

Tão distante o meu tempo de leitora de Monteiro Lobato (1882-1948), em que o rinoceronte era o Quindim. Ele foi adotado pelos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo, após fugir de um circo onde sofria maus-tratos. Descoberto pelos besouros da boneca Emília na floresta, logo conquistou a todos com carinho. Afugentou os detetives que vieram em seu encalço, chifrou o lobo perverso, afastou o perigo de um ciclone. Andei no seu dorso com Narizinho e Pedrinho até a cerca das "terras novas", onde foram recebidas as figuras dos contos de fadas. Era tão natural para mim o relato de um rinoceronte desembarcando em Nova York, com flocinho, como um mascote.

Em que momento a juventude e a infância se perderam? Como aquele ser que mais amei se transformou em um animal enorme e monstruoso? Cínico e com instintos baixos? Seus guinchos de fera reboaram até o horizonte. Temperamental, agride-me em duelo como se estivesse num ringue. Titã unglado. Golias atolado no pântano. Vem para cima de mim com o cabo da adaga fincado no crânio. Desafia-me com seu peso e sua fúria. Quer que eu o olhe nos olhos. Que eu chore. Afronta-me sem piedade. Marca a área com excrementos sujos e vai se afastando de mim, a água pura. Como foi mesmo que ele virou rinoceronte?

Raquel Naveira é escritora e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão
Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294
soninhaabou@gmail.com



Revisitando Florbela Espanca

Roseli B. de Camargo

[...] *O meu mundo não é como o dos outros; quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesmo compreendo*

[...](SOMBRIO, 1947)

Florbela D'Alma Conceição Espanca, cujas *sonae* social e artística se encontram tramadas em sua condição humana e de ARTISTA, de mulher do século XIX, traduz a visão existencial, que recai sobre as questões da condição humana e da existência do Artista.

Neste artigo, por meio da leitura de versos do poema "Quem sabe...", procuro discorrer sobre aspectos dessas reflexões, lembrando das várias conotações do nome próprio da poeta, composto pelos sintagmas flor/belo/alma/Conceição/Espanca e respectivas conotações: delicadeza/beleza/espiritualidade/brutalidade, que indicam traços da personalidade de seu eu social e de seu eu poético. Desse modo, ressalto os versos do primeiro quarteto, em que o eu lírico indaga a si próprio:

Quería tanto saber por que sou Eu!

Quem me enfeitou neste caminho escuro? [...]

O soneto de Florbela Espanca, "Quem sabe?...", publicado em *Charneca em Flor* (1930), centrado na questão da definição de identidade da poeta, por meio de indagações teológicas, estabelece uma relação de intertextualidade com a Bíblia, uma vez que os versos do soneto, estruturam-se na referência ao caminho de Damasco, desenvolvendo o tema da revelação. Caminho de desvelamento, como afirmam os versos:

A estrada de Damasco, o meu caminho, [...]

Nele, a poeta trata de questionamentos sobre a identidade do eu lírico, bem como da tentativa de encontro desse eu com Deus, na busca do entendimento de Sua atuação na vida do ser humano, representado pelo artista. Sua obra coloca-nos o tema do conflito do artista com seu eu e com o mundo, a realidade exterior.

No soneto em análise, percebe-se a valorização superior da definição do eu do artista, em contraposição à definição de um eu social, fato que nos leva à ideia de que, nestes versos, Florbela traduz uma questão particular, a de sua identidade como artista e como mulher.

A realidade é sentida pelo eu poético, como um caminho escuro, como um mundo desconhecido. Neste mundo, seu ser é retratado na imagem de um ser etéreo, simbolizado pelas mãos que seguram, ou que deixam esvair-se a própria vida, algo a que ela não consegue prender-se, em que não se materializa.

Na Bíblia, encontra-se a conversão de Saulo de Tarso, na chamada "Experiência da Estrada de Damasco", que aconteceu na região entre Israel e Síria, episódio que marca a conversão de Saulo ao cristianismo, tornando-se propagador da fé em Cristo.

No soneto, por meio de questionamentos existencialistas, encontram-se os temas sobre a identidade, tanto social como artística, a fé, a trajetória do ser humano/poeta na existência, e sua missão.

No texto bíblico, entrar na cidade de Damasco, no episódio descrito no *Livro de Atos*, capítulos 8 e 9, marca a narração de fatos que estabelecem uma relação metafórica de transformação do ser humano, da aceitação de Deus e do evangelho, bem como da missão pessoal e comunitária. É nessa passagem que acontece a Saulo a Revelação Divina, ou o desvelamento. Pela palavra, Jesus comunica-se, ofertando-Se ao homem. Ele Se manifesta, dando-Se a conhecer, afirmando Ser o filho, o Messias, e que Saulo deveria curvar-se a Sua vontade, prestando-Lhe culto e serviços, como propagador da fé em Cristo.

Nos versos do soneto de Florbela Espanca, intitulado "Quem sabe...", observa-se um acontecimento similar. O eu lírico, que representa a poeta, encontra-se em momento de questionamentos diante da travessia, em um ponto decisivo em seu caminho existencial e artístico. Há indagações, incertezas, que são metaforizadas pela escuridão. Percebe-se o mo-

mento quando o eu lírico sente a si e a sua obra como pertencentes à esfera da transcendentalidade, do reino de Deus, pois o mundo real parece fugir-lhe.

Questiona-se por sentir-se aquém e, contraditoriamente, além do mundo, da realidade e da própria arte, pertencente à transcendência.

O soneto remete-nos ao evento da Revelação, pois parece clara a mensagem de que, em meio ao sentimento de angústia, diante da vida real e da vida ideal, do poeta, o eu se volta a Deus e, em referência à história de Saulo, no caminho árido do deserto, busca pelo oásis. Em meio a seus questionamentos sobre si e sobre sua arte e sua missão, o eu lírico busca pela comunicação divina, que lhe traria a verdade, a fonte de águas claras e límpidas, a plena consciência de si e de sua arte.

Trata-se da vivência de uma travessia, ao término da qual o eu do poema adquire a visão, a consciência plena de seu ser. Este eu conclui que, talvez, o próprio sentimento de angústia e o desejo de encontrar a Verdade, já sejam indícios da atuação do mundo da transcendência, da idealidade em sua vida, ao trazer à luz sua obra.

Quem sabe se este anseio de Eternidade,

A tropeçar na sombra, é a Verdade,

É já a mão de Deus que me acalenta? [...]



Florbela Espanca

divulgação

O soneto finaliza com a ideia de aceitação da identidade de poeta, bem como da realidade ideal, do mundo da arte, como possibilidade de existência, a que se agrega a simbologia de mártir, de santificação, da missão, fatos reiterados pela consciência dessa visão espiritual, que possibilita à poeta transitar no mundo da contingência e no mundo da arte.

Florbela D'Alma Conceição Espanca é a ARTISTA a quem homenageio neste Dia Internacional da Mulher. Poeta em quem idealidade e contingência, santidade e mundanidade, alegoricamente confrontam-se, fez de sua obra o palco de atuação do Artista, cuja interioridade dilacera-se em fragmentos - destruindo-se - e, contraditoriamente, recompondo-se, em outros sentidos, à luz do olhar d'alma do expectador.

Roseli Batista de Camargo é escritora, professora, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/ SP - e diretora do Núcleo Docente Estruturante. Mestre em Letras na área de Estudos Literários e doutora em Estudos Literários, pela UNESP- Araraquara.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Jack Kerouac e o anarquismo místico

Adelto Gonçalves

I
O poeta, ensaísta, crítico e tradutor Claudio Willer (1940), reconhecidamente o mais importante estudioso brasileiro da literatura beat e um dos mais finos representantes da atual geração de poetas, lançou em 2019 *Dias Ácidos, Noites Lisérgicas* (São Paulo, Editora Córrego), coletânea de crônicas, mas o que traz este articulista até aqui é o seu livro *Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico* (Porto Alegre, Editora L&PM, 2014), uma história imperdível e definidora do que foi a contracultura no século XX. E que é de uma profundidade que nem mesmo os críticos e ensaístas americanos alcançaram, embora não tenham sido poucos os daquele país que examinaram a religiosidade e misticismo no âmbito da geração beat.

Escrita em português apurado e em estilo leve, de quem dedicou toda a vida a atividades culturais e chegou a pós-doutor já com os cabelos encanecidos, esta obra não só conta a história de cada um dos principais representantes daquele movimento como mergulha nas experiências artísticas de seus personagens para desvendar as influências que marcaram esse movimento que se iniciou a partir de 1943/1944.

Detém-se, porém, especialmente sobre a obra de Jack Kerouac (1922-1969), escritor de ascendência franco-canadense, autor de *On the Road* (1957), obra considerada a bíblia do movimento hippie, sem deixar de focalizar suas afinidades e relações com outros expoentes do movimento, como William Burroughs (1914-1997), Allen Ginsberg (1926-1997), Gregory Corso (1930-2001), Michael McClure (1932-2020), Diana Di Prima (1934), Gary Snyder (1930) e Lawrence Ferlinghetti (1919).

Definida a filosofia da geração como produto de um anarquismo místico, Willer procura recuperar a história de Jack Kerouac, que seria o porta-voz daquele movimento, "um rebelde que nunca pactuou com a exploração e a injustiça", além de ter sempre abominado todo tipo de elite e autoridade. Mas adverte que a cosmovisão tradicionalista de Ke-

rouac se traduz em reverência diante dos vagabundos errantes, e de índios, negros e integrantes de culturas arcaicas, como os esquimós, aos quais visitou na Groenlândia em sua primeira viagem de navio.

Segundo Willer, qualquer um desses marginais com relação à civilização ocidental equivalia, para Kerouac, aos felôs ou *fellaheen* do alemão Oswald Spengler (1880-1936), mas com uma exceção: a visão que este filósofo tinha das culturas arcaicas seria elitista, pois dotada de um profundo desprezo pelas "massas", enquanto a do escritor americano reverenciava a plebe, ou seja, aqueles que pertencem à base da pirâmide social.

Firmado em extensa base teórica, Willer, familiarizado com a geração beat há décadas, pôde dedicar-se a estudar a obra de Jack Kerouac, que ocupa a maior parte deste ensaio. Tanto que, na bibliografia, constam 25 livros de Kerouac publicados em inglês ou em português, além de uma entrevista dada para a *Paris Review* n° 41, em 1968, que está na Internet. Ao mesmo tempo, o ensaísta analisa a pluralidade religiosa, política e literária que uniu os autores ligados ao movimento, observando que, pela primeira vez, aquela rebelião artística não teria sido comandada por burgueses dissidentes ou aristocratas excêntricos, mas por proletários e *lumpens*, ou seja, mendigos, marginais, subempregados, artistas boêmios e outros representantes do estrato inferior da sociedade.

II
Como mostra Willer, embora não possa ser considerado um movimento religioso, a geração beat foi influenciada pelo budismo, hinduísmo, taoísmo e outras correntes, pois fundamentada em poetas que se relacionaram com tradições místicas, esotéricas e ocultistas, em especial o inglês William Blake (1757-1827), o francês Arthur Rimbaud (1854-1891) e o irlandês William Butler Yeats (1865-1939). Outra influência veio do anarquismo como contraponto aos dois blocos que sustentavam a Guerra Fria (1947-1991), o monoteísmo institucional e o materialismo ortodoxo, ou seja, o capitalismo representado pelos Estados Unidos e o comunismo pela União Soviética.



Esse anarquismo, porém, pouco tinha a ver com aquele que teve forte influência na Espanha, até a chegada do general Francisco Franco (1892-1975) ao poder em 1936, e que propunha uma sociedade de liberdades individuais, sem autoridade ou poder estatal, baseada na ajuda mútua e voluntária. Para Willer, o anarquismo beat seria uma terceira via, "aquela da religião pessoal, do sincretismo, pluralismo e heterodoxia; da liberdade, inclusive no modo de relacionar-se com a esfera transcendental ou com camadas mais profundas do próprio ser".

Como lembra o autor em nota introdutória, este denso ensaio foi preparado durante seu pós-doutoramento em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), sobre o tema "Religiões estranhas, misticismo e poesia", concluído em 2011. Em 2008, já havia obtido o título de doutor em Letras na mesma instituição, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a tese "Um Obs-

curo Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna", publicada pelas Editoras Civilização Brasileira em 2010. Aproveitando sua passagem pela USP, como professor convidado, deu curso de pós-graduação sobre surrealismo e outro de extensão cultural sobre a geração beat.

III
Nascido em São Paulo, Claudio Willer é graduado em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1963, e em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), em 1966. Entre os seus livros estão também *Geração Beat* (Porto Alegre, L&PM, 2009), *Estranhas experiências: poesia* (São Paulo, Lamparina, 2004), *Buenos Aires, Nulu Bonsai Editora*, 2018, tradução de Thiago Souza Pimentel), *Volta: narrativa* (São Paulo, Iluminuras, 2004), *A verdadeira história do século XX*, poesia (Lisboa, Apenas Livros, 2015, São Paulo, Córrego, 2016), *Anotações para um apocalipse* (São Paulo, Massao Ono, 1964), *Dias circulares* (São Paulo, Massao Ono, 1976), e *Jardins da provocação* (São Paulo, Massao Ono/Roswitha Kemp, 1981).

Publicou ainda a coletânea *Escritos de Antonin Artaud*. Traduziu: *Os cantos de Maldoror, poesias e cartas*, de Lautrémont (São Paulo, Iluminuras, 2008) e *Uivo e outros poemas*, de Allen Ginsberg (L&PM, 2010). Teve publicados também *Poemas para ler em voz alta* (Costa Rica, Andrômeda, 2007), tradução de Eva Schnell, *Manifestos, 1964-2010* (São Paulo, Azougue, 2013) e ensaios na coletânea *Surrealismo* (São Paulo, Perspectiva, 2008).

Seus trabalhos estão incluídos em antologias e coletâneas, no Brasil e em outros países, que fazem parte de uma bibliografia crítica formada por ensaios em revistas literárias, resenhas e reportagens na im-

Manchetes em Versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



Ocupou cargos públicos em administração cultural e presidiu por vários mandatos a União Brasileira de Escritores (UBE). Foi coordenador da Formação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo de 1993 a 2001. Coeditou, com Floriano Martins, a revista eletrônica *Agulha*, de 1999 a 2009. Tem dado cursos e palestras e coordena oficinas literárias em universidades, casas de cultura e outras instituições. Mais informações podem ser obtidas em <http://claudiowiller.wordpress.com/>

Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico, de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores, 200 páginas, 2014. E-mail: vendas@lpm.com.br

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo, Tomás Antônio Gonzaga, Direito e Justiça em Terras d'El-Rei na São Paulo Colonial, Os Vira-latas da Madrugada e O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797* entre outros. marilizadelto@uol.com.br

prensa. Está citado em obras de história da literatura brasileira, como as de Afrânio Coutinho (1911-2000), Alfredo Bosi (1936), Carlos Nejar (1939), José Paulo Paes (1926-1998) e Luciana Stegagno Picchio (1920-2008). Ao lado de Sergio Lima (1939) e Roberto Piva (1937-2010), foi um dos únicos poetas brasileiros a receber menção do periódico francês *La Brèche-Action Surrealisté*, dirigido por André Breton (1896-1966), em fevereiro de 1965.

SERTÃO DE ROSA

Napoleão Valadares

Nonada. A enormidade do sertão não é no imo do peito que se sente, não é nos campos do Tamanduá-tão, não é em tudo o que se vê na frente

dessas veredas que trilhamos, não é no meu Uruçuia, no valente jagunço dos gerais, na inclinação para rasgar o mundo, dessa gente.

Não é na dor, no pranto nem no riso. Não é nos verdes vales nem no Liso do Sussuarão. Não é naquele dia

nefasto, em que se deu a tempestade do Paredão, fatal. A enormidade do sertão é a vida. Travessia.

Napoleão Valadares é escritor, poeta, advogado, membro da Associação Nacional de Escritores e da Academia Brasileira de Letras.

Amy foi comprar fraldinhas para o bebê de Amber

Fernando Jorge

O sucesso do meu romance autobiográfico *Eu amo os dois*, lançado pela editora Novo Século, não para de me trazer à memória um amigo querido: Ronaldo Côrtes. Foi ele que me incentivou a escrevê-lo, como já informei, pois não me achava muito disposto a produzir essa obra. Mas ele, Ronaldo, insistia:

– Escreva, Fernandinho, escreve!

Assim dizia o meu nome, frequentes vezes, e ao recordar isto os meus olhos ficam umedecidos.

Conforme já acentuei, Ronaldo Côrtes me preveniu, diversas vezes:

– O seu romance provocará o recebimento de dezenas de perguntas a você, das mulheres que vão lê-lo.

Pura verdade. As cartas, os e-mails e até telefonemas afluem a mim, como se fosse um guru ou conselheiro especializado nos complexos sentimentos humanos... Numa carta oriunda de Porto Alegre, li as seguintes palavras:

“O senhor, no seu romance autobiográfico *Eu amo os dois*, na pele do personagem Rodrigo, conta que largou a sua namorada Elza, depois da jovem confessar o seu amor duplo pela sua pessoa e também pelo primo dela. Gostaria de saber se a esposa de um escritor famoso aceitou que ele amasse outra mulher. Poderá me informar?”

Respondo, sim, posso. Esse escritor famoso se chamava H. G. Wells (1866-1946). Era inglês e escreveu cerca de cem livros. Tornou-se um precursor da ficção científica, por causa da publicação dos romances *A máquina do tempo*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*.

H. G. Wells ficou casado, durante 32 anos, com a sua segunda esposa, Amy Catherine Robbins, até ela falecer em 1927. Tiveram dois filhos. Aos 42 anos, Wells engravidou Amber Reeves, moça de 22 anos. E Amy, a esposa do escritor, aceitou o adultério do marido, não reagiu, não se mostrou revoltada. Quando o bebezinho de

Amber nasceu, Amy foi comprar fraldinhas para ele. A sociedade inglesa sentiu-se chocada.

Eis aí, prezada leitora do meu romance autobiográfico o caso de uma esposa de escritor célebre que aceitou o adultério do marido. Pergunto: H. G. Wells era tão imoral como Amy? Os dois achavam que sexo é uma coisa e amor é outra?

Formulo mais uma pergunta: a mulher supera o homem nas manifestações da sexualidade? Não acredito. Alexandre Dumas, por exemplo, o célebre romancista de *Os três mosqueteiros*, teve dezenas de filhos de dezenas de mulheres, cerca de 200, alguém garantiu. Portanto foi duplamente profílico, tanto na literatura como no sexo...

Fernando Jorge é escritor, jornalista e autor do romance *Eu amo os dois*, lançado pela Editora Novo Século.

O livro E EU SEI FAZER VERSOS? autoria de Lóla Prata, explica cerca de 80 modalidades poéticas.



R\$ 35,00 com suplemento atualizado. Encomendar para lola@pratagarcia.com



VIEIRA NO MARANHÃO: BENDITA VISÃO

Edmilson Caminha

Não é fácil escrever ficção sobre personagens com o vulto de Camões, Cervantes, Shakespeare, Napoleão, Einstein: o peso histórico, a importância da obra inibem, e, muitas vezes, bloqueiam o processo criativo, a construção da personagem, o desenvolvimento do enredo. Louvem-se, pois, a coragem e a determinação de Ronaldo Costa Fernandes, autor de *Vieira na Ilha do Maranhão* (Rio de Janeiro, 7 Letras, 2019), romance admirável, um dos melhores da literatura em língua portuguesa, nos últimos tempos. Recria, com força humana e grandeza de estilo, os oito anos vividos pelo Padre Antônio Vieira no estado do Maranhão e Grão-Pará, entre 1653 e 1661. Não se trata, porém, de “romance histórico”, acadêmico no mau sentido da palavra, mas de história romaneada, com o brilho, a competência e o saber de mestres do gênero, como Érico Veríssimo, Agripa Vasconcelos, Ana Miranda e Josué Montello, este contemporâneo maranhense do autor.

A gênese do romance é pitoresca: em Lisboa para uma feira do livro, Ronaldo entrevê, entre milhares de títulos, um do angolano Pepetela, sobre a presença de Vieira na África (embora não houvesse o jesuíta posto os pés no continente). Retorna depois à estante e não o acha; pergunta a vendedores, vai a livrarias... e nada, notícia nenhuma da obra que tinha a certeza de que vira. Esquece-a, mas a pergunta volta a provocá-lo: e o livro de Pepetela...? Para ver-se livre da quase obsessão, resolve: se o angolano não escreveu sobre Vieira na África, ele escreverá sobre o padre no seu Maranhão, pelo que lhe somos gratos, tamanha a beleza da história que nos conta.

A partir da excelência da linguagem, com um quê de setecentista, de ressonância barroca, sem a tentação de imitar o estilo da época, que levaria o autor a lamentável pastiche. Personagens são magistralmente compostos: os inicianos Vieira, Bettendorff e Carcavaz; Antônio Porqueiro, prático de adivinhações pelas vísceras dos porcos que lhe davam dinheiro; Olegário, que com eles copulava para a geração de monstros, metade gente, meta-

de bicho; Bento Maciel, devorado na prisão por um basilisco, animal feroz e desconhecido; Mariana, que pariu um rato; a filha do sapateiro, Luzia, com um elmo na cabeçorra que não parava de crescer; Caga-Osso, holandês que se entregara à antropofagia; Arduíno da Babel, pretenso poliglota, construtor de uma torre que o levaria a falar com Deus, não sabia em que língua. Criações dignas do melhor García Márquez.

A desafiar o romancista, a reconstituição de uma época, quanto aos costumes e hábitos das pessoas que nela vivem. Lembro-me do que me contou Rachel de Queiroz, a propósito do seu também magnífico *Memorial de Maria Moura*. Ao dizer que um jagunço caçara no embornal o fósforo para acender o cigarro, imediatamente lhe ocorria a dúvida: cangaceiros usavam fósforo nas profundezas da caatinga? Também assim Ronaldo Costa Fernandes, obrigado à pesquisa histórica para saber como funcionava a máquina de confissão para torturar prisioneiros; que à mesa se comia pão de mandioca, não de trigo; que nos prostíbulos se tocavam charmelas e flautins.

A par da castidade de Vieira, a quem, lê-se, faltavam os testículos, um substancioso conteúdo erótico permeia o romance. Praticamente todas as mulheres dão-se à infidelidade conjugal, ao gozo de cama, à fornicação com desembargadores e almotacés, como se coisa mais prazerosa não houvesse a fazer nalgum fim de mundo. Meninos nascem de dois meses e outros de mães engravidadas por um dedo.

Conta José Saramago que, ao atravessar uma rua no Rio de Janeiro, viu em uma banca de jornais a manchete “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, que lhe inspirou um dos seus grandes romances. Em Lisboa, Ronaldo Costa Fernandes deparou em uma feira de livros com obra inexistente do africano Pepetela. Bendita visão, que nos possibilita ler *Vieira na Ilha do Maranhão*, romance que engrandece a ficção brasileira e honra a literatura em língua portuguesa.

Edmilson Caminha é escritor, jornalista e professor. Membro da Academia Brasileira de Letras, da Associação Nacional de Escritores e do Observatório da Língua Portuguesa (Lisboa, Portugal).

A NEBLINA EXORTAÇÃO

Maria de Lourdes Alba

A neblina passeia
Os olhos a avistar
É transparente e densa
Como o sentimento ao amar

Cortina que impede a alma
Do exagero abusar
Impõe respeito na madrugada
Não deixa a sombra avançar

De repente ela some
E corre ao monte ao luar
Ao longe não se compreende
Quanta leveza a dispersar

O sol veio a raiar
Mas o íntimo encoberto
A neblina não veio descortinar
Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora e pós-graduada em Jornalismo.

Amaryllis Schloenbach

Oh! Musa insensível,
que tão-só me admira
do altivo Parnaso!

Meu corpo é uma pira
de fogo invisível,
ardendo ao acaso...

Rabisco estes traços,
sombrios, sem luz,
que o amor não anima.

Joga-te em meus braços,
abertos em cruz,
à espera da rima!

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, cronista, tradutora, jornalista e advogada.

Falando de Felicidade

Cláudio de Cápua

No final de 2019, na universidade Santa Cecília, participei de um simpósio batizado pelo coordenador do evento Professor Alfredo Cordella, de Eco Felicidade.

A reflexão sobre o tema leva algumas pessoas a acreditar que no futuro, a aquisição de um carro de luxo ou de um palacete dos seus sonhos, com base no sucesso dos seus negócios há de ser a plenitude da felicidade.

Escudando-se em quimeras essas pessoas raciocinam futilmente e baseadas em ilusões privam-se desta maravilha que é viver a vida presente.

Esse futuro é sempre empurrado para frente, para o tempo que nunca chega, sempre adiado para um futuro mais distante. E assim grande parte da população deste planeta é infeliz, não vivendo o presente.

Cláudio de Cápua é jornalista, escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



Livros

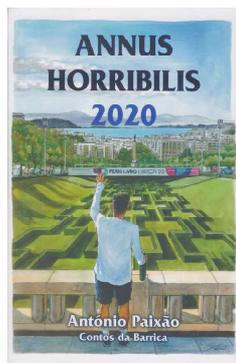
Sacrificium, poemas de Daniel Mazza, Editora Mondrongo, Itabuna (BA), 98 páginas, R\$ 38,00.

ISBN: 978-65-86124-43-9.

O autor é escritor, poeta e médico. Autor de *Fim de Tarde, A Cruz e a Força* (Prêmio Gerardo Melo Mourão de Poesia) e *A Sinfonia do Tempo: Primeiro Livro de Filosofia*.

Segundo João Filho, "Sem cair jamais em rigidez formal dogmática, problema corriqueiro a quem se envereda na poesia de viés religioso, Daniel Mazza sustenta sempre o poema na altura do plano estético."

Editora Mondrongo: www.editoramondrongo.com.br



Annus Horribilis - 2020: Escritos da Barica, de Antônio Paixão, Observador Legal Editora, 335 páginas, R\$ 45,00.

ISBN: 978-65-991387-1-3.

Segundo o jornalista e poeta Adalberto Monteiro, "Este livro, ou esta adaga, entre tantos aprendizados, apresenta-nos a lição de que o neofascismo não se enfrenta com a polidez de datas vênias ou tapas de luvas de pelica. Para esmagar o fascismo como a um inseto, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, é necessário que a resistência tenha no seu arsenal a contundência da verdade e a virulência do escaço."

Observador Legal Editora:

<http://observadorlegal.com.br/loja>

PENSAMENTO NACIONAL - DESENVOLVIMENTISTA, organizado por Nilson Araújo de Souza e Rosanita Monteiro de Campos, editado pela Fundação Maurício Grabois, por meio da Cátedra Claudio Campos, 616 páginas, R\$ 72,00. ISBN: 978-65-89805-00-7.

Nilson Araújo de Souza é escritor, presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio do Rio Grande do Sul - Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas, Doutor em Economia pela Universidad Nacional Autónoma de México e pós-doutorado em Economia pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

Rosanita Campos é escritora, historiadora, jornalista, tradutora, diretora do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e representante da Cátedra Claudio Campos da Fundação Maurício Grabois.

A obra reúne uma série de discursos, artigos, documentos e capítulos de livro de Getúlio Vargas e João Goulart - pensadores que tiveram um papel destacado na construção do Instituto Superior de Estudos Brasileiros e na elaboração do pensamento nacional-desenvolvimentista -, e dos intelectuais e dirigentes revolucionários Miguel Arraes, Nelson Werneck Sodrê, Carlos Lopes, Cláudio Campos, Haroldo Lima, Rubens R. Saway, Nilson Araújo de Souza, Sergio Rubens de Araújo Torres, entre outros importantes nomes.

Abriga as principais contribuições à formulação do pensamento nacional-desenvolvimentista, elaborado no Brasil, a partir da Revolução de 1930.

Livraria Anita Garibaldi: www.livrariaanita.com.br



GIJO PARTIU DE MADRUGADA

Raymundo Farias de Oliveira

Abril chegou com suas madrugadas frias deramando mais tristeza na solidão imposta pelo distanciamento social a que fomos jogados em razão da crise sanitária.

Há muito tempo um poeta me disse que abril é o mês mais triste...devia ter seus motivos para tanto.

Tal como o poeta português tenho também minhas tristezas de abril; e agora, mais uma: o coração do Gijo – o Gijo Castellano de Rio Claro – parou de bater as duas horas da madrugada do dia 8 deste abril...

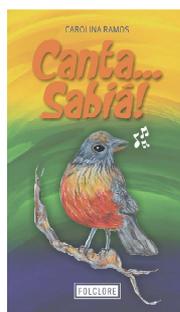
Todos nós sabemos que "a vida é uma sombra que passa", mas a vida do Gijo marcou indelevelmente os espíritos que com ele conviveram na sua fulgurante passagem por aqui como amigo – cristão – poeta – filósofo – político dedicado à promoção social...

Sua vida "passou" mas não passou em vão e certamente será acolhido com flores no reino celestial.

Seu exemplo e sua obra na política e no Sesi se eternizaram em nossos corações e em nossa profunda saudade.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e procurador do Estado aposentado.

"Canta... Sabiá!"



Este é o título do novo livro da escritora e poetisa Carolina Ramos, que tem por base o folclore do nosso Brasil. Publicação que vem sendo elaborada a longa data, sempre postergada em favor das 19 obras editadas pela autora que, agora, finalmente, chega ao público. Carolina Ramos explica, logo no início, não ser folclorista embora a atraiam as manifestações ingênuas e as credences de um povo simples. O estímulo oferecido por um rápido curso de folclore levou-a a compor algumas poesias, trovas e contos

dentro deste contexto. A ideia primordial de lançar este livro se embasa nesta trova de sua autoria:

Canta, sabiá! Que teu canto, nas manhã de sol descerra a ternura e o doce encanto do canto de minha Terra!

O livro em questão que traz na capa as cores do Brasil, compõe-se de 5 capítulos em 351 páginas. O 1º capítulo discorre sobre a conceitualização e importância do Folclore de maneira geral; o 2º aborda o folclore pelos estados do Brasil; no 3º provérbios, parlandas e ditos populares; e o 4º e 5º capítulos são reservados para poesias, trovas e contos da autora.

Carolina Ramos - contato: linacaroramos@gmail.com

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Edy Lima

Edy Lima, escritora, jornalista, dramaturga e editora, faleceu no dia 1 de maio, em São Paulo. Nasceu em Bagé (RS) em 7 de julho de 1924. Autora de *A vaca voadora*, primeiro livro da série editado pela Global. Publicou 50 livros infanto-juvenis, peças teatrais e fez adaptações de clássicos da literatura infantojuvenil como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Adaptou *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, para o teatro com montagem dirigida por Amir Haddad, em 1961. Seus livros foram traduzidos para o espanhol, italiano e catalão.

João Scortecci, escritor, editor e gráfico, é o novo presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf) da representação de São Paulo. Scortecci ocupava o cargo de primeiro vice-presidente, para o período de 2019 a 2022, e com a renúncia da atual presidente Sidney Anversa Victor, para assumir cargo na Abigraf Nacional, assume a presidência. Flávio Tomaz Medeiros (Pigma Fast) ocupa a vice-presidência.

Percival Tirapelli lançou *Arte dos jesuítas na Ibero-América: arquitetura, escultura, pintura* (Edições Loyola). A obra reúne fotografias que traduzem perfeitamente a exuberância da intersecção entre história, fé e arte. O autor é professor titular em História da Arte Brasileira pela Universidade Estadual Paulista, doutor e mestre pela Universidade de São Paulo.

A **Livraria Leitura** inaugurou a décima loja no estado do Rio de Janeiro em São João de Meriti, no Shopping Grande Rio.

Notícias

As múltiplas faces da literatura de autoria feminina, projeto, organizado pelo professor José Benedito dos Santos, foi contemplado pelo Edital do Programa Cultura Criativa – 2020/ Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal. A obra, lan-

çada em abril, reúne críticas de 16 autoras sobre a produção de mulheres amazonenses que têm a literatura como um ato de resistência. Alexandra Vieira de Almeida participa com uma resenha sobre a escritora Sandra Godinho.

Beatriz Helena Ramos Amaral participará das novas coletâneas do Mulherio das Letras Portugal, coordenadas por Adriana Mayrinck, que serão lançadas de 29 de maio e 27 de junho. Uma publicação da *In-Finita Portugal*.

Angústia Criadora, site de literatura criado e editado por Ney Anderson, completou 10 anos no ar. www.angustiacriadora.com

Marco Haurélio e Arlene Holanda, cordelistas brasileiros, lançaram *Uagadu – Uma odisseia africana*, pela SESI-SP Editora. A obra reúne quatro contos da África que foram transformados em cordel baseados em registros oficiais do arqueólogo Leo Frobenius.

Alberto Manguel lançou *Notas para uma definição do leitor ideal*, pela Edições Sesc São Paulo.

A **Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro** elegeu nova diretoria que será presidida por Danielle Paul, da Livraria Castro Alves, em Araruama.

Leandro Karnal, escritor, historiador, professor e apresentador, foi eleito para a cadeira número 7 da Academia Paulista de Letras que foi ocupada pela escritora e tradutora Ana Maria Martins.

Renato Torres Anacleto Rosa, historiador, escritor e professor, foi eleito para a cadeira número 4 da Academia de Letras de Campos do Jordão, que foi ocupada pelo acadêmico, professor e jornalista Erasmo de Freitas Nuzi. Fez Mestrado em História Comparada na Universidade do Rio de Janeiro e Doutorado em História Econômica pela USP. É autor de *Dom Hélder Câmara, Itinerário Político e Intelectual* e *O Pensamento Econômico de Louis-Joseph Lebrét*. Tomou posse no dia 24 de abril, em sessão virtual. O discurso de recepção foi de Débora Inácia Ribeiro e a sessão foi presidida pela presidente em exercício Adriana Harger.

Valéria Veiga lançou *A História de Mabelle* pela Lil Owl Editorial.

O **16º Prêmio Off Flip de Literatura** laureou na categoria crônica *A ciência de catar feijão* de Claudia Albuquerque, *A morte de cu-sujo* de Marcos Tavares e *Tempos de vacas magras e burgers gourmet* de Nina Graeff. Na categoria poesia foram agraciados *Travessia* de Thalles do Nascimento Castro, *Receita para emplumar o coração de outono* de Airtton Souza e *Depois da cerca, um charco de Luís Fernando Nicolosi de Oliveira*. Em conto foram laureados *Prófugo* de Raphael Luiz de Araújo, *O dia em que seu Mário me ensinou a andar no telhado* de Eduardo Ferreira Moura e *A chuva não sabe como consumir feridas* de Airtton Souza. A premiação foi no valor de R\$ 20 mil.

Ney Anderson, escritor, jornalista e editor do site Angústia Criadora, lançou o livro de contos *O Espetáculo da Ausência* pela Editora Patuá.

A (des)educação do negro, épico manual antirracista, do historiador Carter G. Woodson publicado em 1933, foi relançado pela Editora Edipro com prefácio do rapper e escritor Emicida.

O **Padre Fábio de Melo** lançou, pela Editora Planeta, *A hora da essência*, que tem como tema analisar a vida, a partir da perspectiva da morte.

Sérgio Giacomelli lançou o romance *D'angelo - O Viajante de Conca*, pela Vereda Editora, que mescla história e ficção num cenário de pós-guerra com lindas paisagens da Itália. <https://amzn.to/2NVg7ID>

A mancha, obra literária com texto poético de Guilherme Gontijo Flores e ilustrações de Daniel Kondo, foi lançada pela FTD Educação com o objetivo de alertar sobre os cuidados que devemos ter com o meio ambiente.

O **Fórum das Letras** comemorou o Dia Mundial da Língua Portuguesa, com o Camêos – Centro Cultural Português em Brasília e a Câmara Brasileira do Livro, em maio, com três debates com a participação de importantes nomes da literatura brasileira e portuguesa. Estão no Canal do YouTube <https://www.youtube.com/channel/UCLpGSKAbNDLkMaxi6ZRznA>.

A **Associação ARTS ET JALONS**, em SAINT-MANDÉ, prestou homenagem a JEAN-PAUL MESTAS ou LE CHANT DE L'ÂME, poeta, fundador da Arts et Jalons. Jalons Hors Série, abril de 2021. Ilustração Chris Mestas.

O **IV Prêmio Aeilij de Literatura**, promovido pela Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, agraciou em Texto Literário Infantil, *Opa* (Prosa), com texto e ilustrações de Adilson Farias. Na categoria Texto Literário Juvenil foi laureado *Ogros* (Aletria), com texto de Ernani Ssó e ilustrações de Nelson Cruz. O agraciado, no Conjunto de Ilustrações, foi *Obrigado* (Pulo do Gato), de André Neves. *Ubuntu e outras histórias africanas* (Elo Editora), de Celina Bodenmüller e Fabiana Prando, com ilustrações de Tainan Rocha, foi laureado em Adaptação ou Reconto.

Roberto Scarano
Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

